



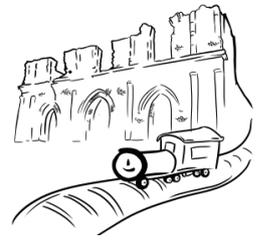
## **Vivências feministas na universidade: A criação e atuação do coletivo “Mulheres Unidas nas Tecnológicas e Exatas”**

**BIANCA DE SOUTO HOMRICH – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – BIANCAHOMRICH@HOTMAIL.COM**

### **RESUMO**

O ambiente universitário reproduz a sociedade. Assim, todos os tipos de opressão se refletem dentro da academia. Embora tenham ocorrido avanços significativos na inclusão das mulheres nesse ambiente, o machismo continua a se perpetuar, inclusive de forma institucional. Observa-se que em determinados setores da universidade, há uma maior abertura a discussões sobre a desigualdade de gênero. Devido à propagação do discurso de neutralidade da ciência, a área das ciências exatas permaneceu fechada às discussões sociais, fazendo com que a experiência das mulheres que adentram a área seja permeada pelo machismo. Como forma de resistência, surge em 2016, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o grupo MUTE. O artigo visa relatar a experiência do coletivo, bem como realizar uma revisão bibliográfica das teorias feministas que embasaram a sua fundação, estimulando a criação de coletivos similares em outras universidades e a resistência das mulheres na área das exatas e tecnológicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo. Coletivo. Universidade. Exatas. Tecnológicas.



## **INTRODUÇÃO**

O espaço universitário, como todo espaço social, reproduz em menor escala a estrutura vigente de sociedade. Em decorrência disso, todo o sistema de opressão de gênero se mantém também nesse espaço. A desigualdade de gênero no ambiente universitário é histórica. Durante muitos anos, as mulheres foram impedidas de obter uma graduação. De acordo com Cabral (2009), a permissão para que as mulheres frequentassem a universidade ocorreu de forma irregular ao redor do mundo, começando a ser concedidas no século XIX. No Brasil, o direito feminino aos cursos das faculdades e a consequente obtenção de um título acadêmico foi estabelecida a partir da Reforma Leôncio de Carvalho e do Decreto nº 7.247 de 19 de abril, em 1879.

O atraso foi ainda maior em relação à entrada das mulheres na área das ciências exatas, devido principalmente à visão de neutralidade científica e tecnológica que se mantém dominante até a atualidade. Para Cabral (2009), o alheamento histórico da mulher enquanto sujeito às ciências e à tecnologia se relaciona à forma como foi construída a visão predominante que se faz da atividade científica e a consequente maneira como ela é realizada. Ou seja, a visão preponderante que a sociedade e os cientistas têm do conhecimento, da sua produção e aplicação.

Essa visão é chamada por Bazzo (2003, p. 14) de concepção herdada da ciência, e descreve a própria ciência como “um empreendimento autônomo, objetivo, neutro e baseado na aplicação de um código de racionalidade alheio de qualquer tipo de interferência externa”. Por conseguinte, o desenvolvimento científico (e posteriormente o tecnológico) estaria alheio aos condicionantes externos, sejam eles sociais ou políticos. Dentre as concepções clássicas de ciência descritas por Bazzo (2003), as visões elitista e socialmente neutra destacam-se no desenvolvimento do alheamento das mulheres no processo de construção científica. A primeira, por identificar a construção do conhecimento feita por uma minoria especialmente dotada, segregada de forma social e em relação ao gênero. A segunda, por não levar em consideração as complexas interações entre Ciência, tecnologia e sociedade, considerando os cientistas como seres separados das tomadas de decisões, destacados da emissão de juízo de valor ou opiniões.

Os estudos de Reis e Cabral (2012, p. 6) ressaltam que “a consequência dessa visão de ciência neutra que prega a necessidade de distanciamento em relação ao contexto social, político e econômico tornou a ciência um assunto técnico exclusivo aos cientistas”. Dessa forma, não caberia à sociedade intervir no processo de produção do conhecimento científico, sendo apenas dos cientistas a escolha de quais objetos de estudos devem ser escolhidos e sobre quais problemas a ciência deveria se debruçar.

A construção dessa concepção ocasionou a separação histórica das mulheres na produção do conhecimento científico. Inicialmente, devido a definição do cientista como sujeito. As características delineadas para cientistas divergem claramente daquelas socialmente atribuídas às mulheres pelo processo de elaboração dos estereótipos de gênero. Schiebinger (2001, p. 141) afirma que essa oposição se dá pelo choque entre a cultura do que seria feminino e a cultura do que seria científico. Para a autora, “o gênero no estilo de ciência é significativo, porque a longa exclusão legal das mulheres das instituições científicas foi

**XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
**12 a 14 de novembro de 2018**  
**Alagoinhas- BA, Brasil**



escorada por um elaborado código de comportamentos e atividades, tão apropriadamente masculinos ou femininos”.

Essa exclusão se inicia com a divisão social dada pela teoria da complementaridade sexual, que pregava a complementaridade opositiva de homens e mulheres. Dessa forma, o que pertence a um se afasta completamente do outro, tornando natural o tratamento desigual, ideologia bem adaptada aos moldes sociais e econômicos construídos na Europa a partir do fim do século XVII. A mulher deveria assumir uma postura definida pelo que se esperava do feminino: Privada, doméstica, sentimental, subjetiva, religiosa, moralista, amorosa. Schiebinger (2001, p. 144) destaca como os pensadores da época vendiam essas ideias:

Francis Galton declarou os homens de ciência "fortemente anti-femininos, sua mente está dirigida aos fatos e teorias abstratas, e não a pessoas ou interesses humanos... eles têm pouca simpatia pelas maneiras femininas de pensar". Ao definir por que as mulheres não deveriam fazer ciência, os complementaristas não estavam definindo tanto as mulheres como o que era não científico. As mulheres - como representantes da vida privada - eram repositórios para tudo o que não era científico.

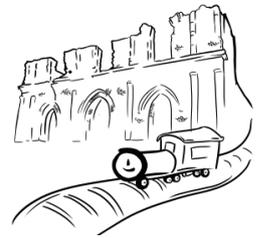
Dessa forma, a construção do ideal de perfil do cientista neutro e objetivo gerou uma barreira para que mulheres pudessem acessar a ciência durante muitos anos. Para atuar na área, muitas mulheres utilizavam pseudônimos masculinos ou escondiam seus estudos sob o nome dos maridos, como destacam Carvalho e Casagrande (2011). Apenas quando se começou a discutir que a criação das características e papéis atribuídos ao masculino e ao feminino não advinham do biológico, mas eram construções sociais, seguido consequentemente pela elaboração do conceito de gênero, é que esse estereótipo passou a ser questionado.

Ainda sim, a entrada das mulheres na ciência se deu de forma tímida, principalmente em áreas de estudo ligadas às características atribuídas ao feminino, como o cuidado e a educação infantil, assim quais os próprios estudos sobre gênero. Para Schiebinger (2001, p. 179), “historicamente as mulheres têm se saído melhor em disciplinas novas e de rápido crescimento que são de certo modo marginais”. Maffia (2002) aponta que ao analisar a distribuição por sexo nas diferentes disciplinas científicas, observa-se que as mulheres despontam como maioria nas áreas de literatura e filosofia; se igualam em número aos homens nas áreas de biologia, medicina, química, história, sociologia e bioquímica; e são minoria em áreas como engenharia, engenharia química, agropecuária, direito, economia, matemática e arquitetura.

Aquelas que adentram as áreas tipicamente tidas como masculinas, como a das ciências exatas e da tecnologia, tendem a alterar seus comportamentos como forma de enquadramento e proteção. Segundo Schiebinger (2001, p. 152), muitas optam por modificar as vestimentas para adotar um estilo mais “masculino”, buscando respeito e tratamento igual. A autora destaca em seus estudos que “o abandono dos atavios da ‘feminilidade’ não só é geralmente necessário para uma mulher ser levada a sério como cientista, mas é com frequência importante também para evitar atenção indesejável à sua sexualidade”.

Diante do cenário exposto acima, pode-se perceber o panorama de desigualdade de gênero sofrido pelas mulheres que adentram a área da tecnologia e das ciências exatas ao longo da história, que se perpetua na atualidade. Dessa forma, a existência de coletivos que auxiliem na denúncia das opressões sofridas e atue na modificação dessa realidade

**XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
**12 a 14 de novembro de 2018**  
**Alagoinhas- BA, Brasil**



demonstra-se de extrema importância para a permanência e o avanço das mulheres nesses espaços. Assim sendo, esse artigo propõe-se a relatar a experiência de criação e atuação do coletivo de Mulheres Unidas nas Tecnológicas e exatas (MUTE), impulsionando a fundação de coletivos similares em outras universidades e a resistência das mulheres na área das exatas e tecnológicas.

## **METODOLOGIA**

O artigo foi concebido a partir de levantamento bibliográfico, com consequente análise crítica dos textos selecionados em que se buscou apresentar as teorias feministas utilizadas como embasamento na criação do coletivo MUTE.

A análise crítica dos textos selecionados teve como estratégia investigar os contornos dos estudos de algumas das autoras que trabalham a relação entre gênero, sociedade, ciência e tecnologia.

Foram utilizados diferentes tipos de referenciais, entre os quais se podem destacar artigos e livros publicados sobre a temática feminista, evidenciando aqueles que tratavam dos aspectos relacionados à área das ciências exatas e tecnológicas.

Por fim, foi realizada a descrição da experiência de fundação e atuação do grupo, por meio da utilização de relato escrito e fotografias.

## **DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)**

Embora as discussões feministas tenham avançado de forma significativa nas universidades nos últimos anos, ainda encontram empecilhos para alcançar alguns setores, como a área de ciências exatas e tecnológicas. Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), essa realidade se repete. As discussões sobre desigualdade de gênero promovidas pelo Diretório Central de Estudantes (DCE) José Silton Pinheiro e pelos discentes e docentes das áreas sociais não possuem capacidade de extrapolar as barreiras físicas e chegar às e aos estudantes de engenharias, matemática, arquitetura, dentro outros cursos.

A criação do grupo “Mute - O silêncio que grita” surgiu como um ato de resistência, visando trazer as discussões feministas para a realidade do setor e iniciar a modificação na cultura machista experimentada pelas docentes e discentes.

### **O ENCONTRO DE MULHERES ESTUDANTES DA UFRN**

Em 2016, inspirado pelo 7º Encontro de Mulheres estudantes promovido pela União Nacional dos estudantes (EME da UNE), a coordenação de mulheres do DCE José Silton Pinheiro promoveu o 2º Encontro de mulheres estudantes da UFRN (EMEUF), com a temática “A cultura feminista construindo a democracia”, conforme ilustrado pela figura 01.

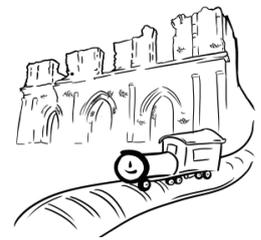


Figura 01 - Folder do 2º EMEUF



Fonte: Diretório Central dos Estudantes José Silton Pinheiro (acervo), 2016.

Para a preparação do evento, foram realizadas reuniões do DCE com representantes dos Centros Acadêmicos (CAs) de todos os cursos da UFRN. Na ocasião, as representantes dos CAs ligados ao Centro de Tecnologia (CT) e Centro de Ciências Exatas e da Terra (CCET) relataram seus anseios em participar de alguma programação voltada para as mulheres das áreas de exatas e tecnológicas.

Em decorrência dessas solicitações, foi adicionada à programação do 2º EMEUF a realização de uma roda de conversa denominada “A cultura feminista transformando as exatas”.

Durante a roda de conversa, as estudantes tiveram a oportunidade de, pela primeira vez, compartilhar as experiências vividas na universidade, o viés machista fortemente presente dos docentes e colegas de curso e as dificuldades enfrentadas. A figura 02 retrata a realização da roda de conversa.

Figura 02 - Roda de conversa “A cultura feminista transformando as exatas”



Fonte: Diretório Central dos Estudantes José Silton Pinheiro (acervo), 2016.

**XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
**12 a 14 de novembro de 2018**  
**Alagoinhas- BA, Brasil**



Após a discussão, as participantes chegaram ao consenso de que era necessário fazer algo para modificar a realidade que enfrentavam no cotidiano da universidade. Como encaminhamento foi definido a criação de um coletivo que atuasse na área das exatas e tecnológicas. Surgiu, nesse momento, a semente do que viria a ser o MUTE.

### **A CRIAÇÃO DO COLETIVO**

Em 03 de junho de 2016, ocorreu a primeira reunião com a intenção de estruturar o novo coletivo. As mulheres que haviam participado da roda de conversa durante o EMEUF e outras discentes interessadas se encontraram para debater quais seriam os primeiros passos do coletivo.

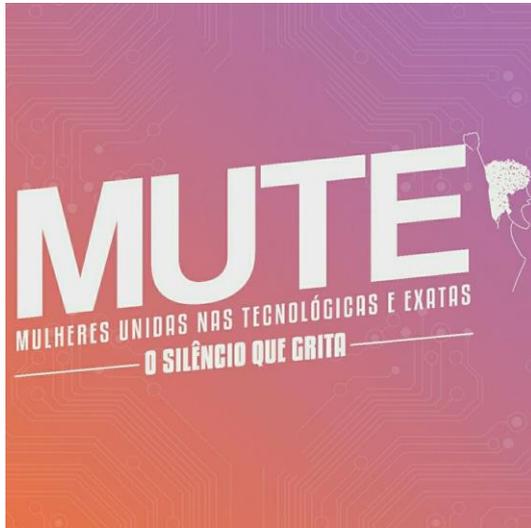
Embora as presentes na reunião fossem todas estudantes, foi definido que o grupo iria abarcar todas as mulheres das áreas de exatas e tecnológicas, considerando que professoras, técnicas administrativas e funcionárias terceirizadas também estavam sujeitas ao machismo no ambiente universitário.

A partir disso, foi decidido de forma democrática o nome do coletivo: Mulheres Unidas das Tecnológicas e Exatas. A transformação em sigla se deu visando facilitar a divulgação e também pelo trocadilho gerado com a palavra mute em inglês, que significa “muda”. A sigla representa o sentimento pelo qual muitas das estudantes relataram passar: A sensação de silenciamento dos episódios de assédio e a não discussão e enfrentamento da cultura machista que ocorriam no setor. Buscando causar mais impacto e explicitar melhor a intenção do coletivo, foi adicionada a frase “O silêncio que grita” ao nome. Dessa forma, o grupo mostraria já em seu nome que tinha a intenção de acabar com as situações de silenciamento das mulheres nas tecnológicas e exatas.

A criação do logotipo também foi debatida na primeira reunião, chegando-se ao consenso de representar uma mulher negra lutando pelos seus direitos e se fazendo ser ouvida, conforme a figura 03.



Figura 03 - Logotipo do coletivo



Fonte: Coletivo MUTE - O silêncio que grita (2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/MUTEufrn/photos/a.175434526244655.1073741826.175433772911397/175442779577163/?type=1&theater>. Acesso em: 11 jul de 2018.

### **A ATUAÇÃO DO GRUPO**

Apesar da urgência da modificação da realidade machista vivenciada na área, o coletivo ainda não conseguiu abarcar a maioria das mulheres da UFRN. Hoje, o MUTE conta com 58 participantes, representantes dos mais diversos cursos, muitas das quais também inseridas nos CAs.

Em dois anos de existência, realizou diversas atividades e eventos, sendo organizador e apoiador, participando inclusive de eventos nacionais, como a Campus Party. Nesse artigo, serão apresentados relatos de três eventos organizados pelo grupo.

Mesa redonda “Mulheres nas exatas e tecnológicas: Experiências, ganhos e desafios”

O primeiro evento realizado pelo MUTE visando alcançar o público externo foi uma mesa redonda com a presença de duas docentes: Carla Giovana Cabral, professora e pesquisadora da área de gênero, ciência e tecnologia e Sandra Rufino Santos coordenadora do Núcleo Multidisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Projetos de Engenharia e Gestão Aplicados ao Desenvolvimento Ambiental e Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PEGADAS) . Além das docentes, a mesa foi composta por uma representante do DCE, Renata Lysia Sapucaí De Castro, e a então coordenadora de mulheres da UNE, Moara Correia Saboia.

A mesa contou com cerca de 30 participantes (conforme as figuras 04, 05 e 06) que debateram as conquistas das mulheres na área de tecnologia e ciências exatas, bem como os desafios que ainda deveriam ser superados, retratando a realidade da UFRN e do Brasil.

**XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
**12 a 14 de novembro de 2018**  
**Alagoinhas- BA, Brasil**



Figura 04 – Participantes da mesa redonda



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 05 – Explicação da Professora Dra. Carla Giovana Cabral



Fonte: Acervo da autora, 2016.

**XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
**12 a 14 de novembro de 2018**  
**Alagoinhas- BA, Brasil**



Figura 06 – Explicação da professora Dra. Sandra Rufino Santos



Fonte: Acervo da autora, 2016.

#### O piquenique das “minas”

Em 20 de outubro de 2017, houve a realização de uma roda de conversa denominada piquenique das “minas”, onde as estudantes se reuniram para debater o texto "Gênero, Ciência e Tecnologia", de CABRAL (2009). A metodologia empregada foi a divisão em grupos menores e a separação do texto em três fragmentos, tendo cada pequeno grupo discutido um dos fragmentos. Após a discussão nos grupos menores, as participantes voltaram a se reunir e foram feitos relatos do que havia sido discutido. Por fim, a discussão foi ampliada no grande grupo, com opiniões e vivências das participantes. A figura 07 retrata o momento final do evento.

Figura 07 - O piquenique das “minas”



Fonte: Acervo da autora (2017).

**XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
**12 a 14 de novembro de 2018**  
**Alagoinhas- BA, Brasil**



Palestra: “Desafios e perspectivas das mulheres nas tecnológicas e exatas”

No dia 09 de novembro de 2017, o MUTE promoveu a palestra “Desafios e perspectivas das mulheres nas tecnológicas e exatas”, com a palestrante Clarissa Fernanda Loureiro, ex-presidente do Women In Engineering (WIE) da América Latina e Caribe. Com mais de 50 participantes, o evento discutiu sobre como as mulheres podem se qualificar e se inserir no mercado de trabalho, apesar das barreiras criadas pela sociedade machista. As figuras 08, 09 e 10 relatam a realização desse evento.

Figura 08 – Participantes da palestra



Fonte: Acervo da autora (2017).

**XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
**12 a 14 de novembro de 2018**  
**Alagoinhas- BA, Brasil**



Figura 09 – Momento da palestra



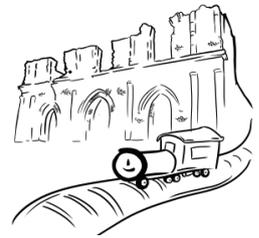
Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 10 – Clarissa Loureiro ministrando a palestra



Fonte: Acervo da autora (2017).

**XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
**12 a 14 de novembro de 2018**  
**Alagoinhas- BA, Brasil**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as mulheres ainda encontrem diversos empecilhos a sua entrada e permanência na ciência e na tecnologia, principalmente na área das exatas, sua presença nesses espaços tem modificado de forma permanente a construção do conhecimento científico.

Para garantir que esse espaço não seja negado à elas e para torná-lo cada vez mais democrático, é fundamental que coletivos como o MUTE possam existir e atuar de forma constante em todos os espaços de produção do conhecimento, principalmente no ambiente acadêmico. As universidades públicas e privadas necessitam de intervenções e iniciativas semelhantes a essa, para que possam se tornar mais inclusivas e populares, garantido a diminuição da desigualdade dentro dessas instituições de formação não só científica, mas também cidadã.

## REFERÊNCIAS

BAZZO, Walter Antonio, PEREIRA, Luiz Teixeira do Vale, VON LINSINGEN, Irlan. **Introdução ao estudo CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)**. . Madrid: OEI. 2003.

CABRAL, Carla. "Gênero, Ciência e Tecnologia", in BAZZO, Walter Antonio; PEREIRA, Luiz Teixeira do Vale Pereira; VON LINSINGEN, Irlan. **Educação Tecnológica: enfoques para o ensino de engenharia**. 1. UFSC. 2009. 1. UFSC. 2009. 1. UFSC. 2009

CABRAL, Carla Giovana; REIS, Guilherme Pereira. **Ciência, Tecnologia e Sociedade I. Módulo Introdução aos estudos CTS**. – Natal. EDUFRN. 2012.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Mulheres e ciência: desafios e conquistas**DOI. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.20-35, 26 dez. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2011v8n2p20>.

MAFFIA, Diana. "Crítica feminista à ciência", in **Feminismo, Ciência e Tecnologia**/ Organizado por Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Maria Bacellar Sardenberg Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. 320p. - (Coleção Bahianas; 8)

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**. Bauru, SP: Edusc, 2001. 384p. (Coleção Mulher) ISBN: 8574600636.